

Notas e informações

# Quadro sombrio

Fco. Brasil

O tema da desestabilização do governo Sarney está na ordem do dia. Estranhamente, esse assunto foi trazido à baila pelo próprio presidente da República, que não perde oportunidade para denunciar as manobras daqueles que se opõem a que leve avante a opção que teria feito pelos pobres. O chefe do governo não atribui nenhuma importância àquilo que constitui o motivo de apreensão dos críticos de sua administração — o fato de que os pobres não poderão suportar a inflação que o Executivo cria e é incapaz de jugular. O que preocupa S. exa. é que os índices de sua popularidade estão baixos, o que, segundo ele, só se explique como consequência de conspiração contra sua política social.

A ação desestabilizadora denunciada há uma semana, em termos genéricos, agora se transforma em processo concertado de setores políticos e da grande imprensa, interessados em fazer a opinião pública acreditar que o presidente é populista, influenciado pela esquerda. A diatribe contra os empresários a propósito da desobediência civil e o registro de suposta inconfidência de que participam jornais e setores políticos entram na composição de um quadro de distanciamento da realidade que chega a preocupar — uma vez que tem a agrává-lo a circunstância de que o chefe do governo partilharia da opinião, segundo a qual as altas taxas de juro não são produto de uma situação objetiva, mas mera criação dos jornais, que alardeiam tais notícias a fim de indispor o presidente com o povo e difundir o pessimismo. O sr. Fernão Bracher deve cuidar-se, assim que voltar de Washington, pois as últimas decisões do Banco Central foram no sentido de fazer baixar essas taxas inexistentes. Talvez s. sa. seja chamado à Malácia a fim de explicar-se, como o foram os ministros da área econômica...

O que deve reter a atenção de todos é o progressivo afastamento entre o chefe de governo e a classe empresarial; distanciamento cuidadosamente buscado, tanto assim que se manifesta não pela denúncia direta, mas pela insinuação quase sempre malévola. O presidente José Sarney faz a defesa da livre iniciativa. Faz essa defesa em tese, pois na prática apenas reforça o estamento burocrático (onde a oligarquia) e faz verrinas contra os empresários, apontados como gananciosos e especuladores. No discurso que proferiu aos governadores do PMDB, o chefe de governo deu mais um passo para distanciar-se daqueles que geram a riqueza nacional e pagam impostos. Passo calculado, uma vez que a divulgação

da fala presidencial não foi feita de modo oficial, permitindo-se que dela se tomasse conhecimento por terceiros — ou o porta-voz da Presidência, ou um ou outro governador presente. Essa é a melhor técnica de fazer chegar a quem interessa o real pensamento da autoridade, porquanto, na hipótese de desmedida reação adversa, se pode ponderar sempre que houve má interpretação do que se disse.

Desses relatos, forma-se imagem ambígua da fala presidencial. As vezes as palavras parecem ser de alguém que tem Vargas como modelo; às vezes parecem provir de pessoa que está sozinha e não mais suporta arcar com as pesadas responsabilidades do cargo que o destino lhe entregou. Uma coisa, porém, ressalta claramente desse claro-escuro em que se transformou esse discurso a 22 governadores de Estado não divulgado à imprensa: o presidente José Sarney reclama o apoio de todos, porque a situação é grave, tão grave que é necessário lembrar ao PMDB que ele foi, enquanto MDB, o partido da coragem — coragem que agora é necessária para enfrentar os problemas e conflitos que se antevêm no horizonte político-econômico.

A imagem de Vargas ressalta da insistência na reafirmação da opção pelos pobres e na declaração de que tem "coragem de resistir às pressões dos ricos". Foi próprio do populismo da era varguista, senão do próprio caudilho, dividir o mundo não entre proletários e capitalistas, mas sim entre pobres e ricos — tanto assim que Vargas passou à história como o "pai dos pobres". O que o presidente Sarney não deseja, tudo leva a crer, é ser visto no futuro como "pai dos pobres e mãe dos ricos" (que isso era o que a esquerda dizia de Vargas, na realidade). Por isso, resistirá às "chantagens" e não permitirá que as pressões dos ricos revertam o quadro da nova distribuição de renda que ele, Sarney, estabeleceu no Brasil. "Essa redistribuição, vamos preservá-la, tomaremos qualquer decisão, enfrentaremos qualquer reação para preservar."

Quem toma conhecimento dessas passagens da fala presidencial é levado a crer que os ricos se estão articulando para que os pobres continuem pobres, o mercado persista restrito, não haja consumo, os empresários não vendam, a recessão se estabeleça. Ora, quando o presidente da República pede o apoio dos governadores dos Estados para impedir que os "ricos", assim definidos, imponham sua vontade à Presidência, a situação institucional é grave. Diria-

mos, até, muito grave, tão grave que o líder do governo na Câmara transmitiu a convicção de que o presidente Sarney fez "importantes definições políticas e sociais", dizendo inúmeras vezes que não se submeterá a nenhuma "chantagem", "intimidação" e "pressão" interna ou externa. Essas importantes definições ficaram apenas para os governadores — a Nação, que delas sofrerá ou gozará as consequências, será tratada como sempre o foi pelo general Ernesto Geisel, hoje como ontem guia, apoio e inspirador do presidente José Sarney.

O que é traumático nesse quadro perturbado é o fato de o mesmo presidente que insiste em dizer que não cederá a pressões, vejam de onde vierem, confessar-se cansado da tarefa que a fatalidade lhe entregou: "Temos de governar juntos, de mãos dadas para enfrentar os problemas que o País vai enfrentar"; "Temos de dividir essas responsabilidades". Quais? A responsabilidade de tomar decisões importantes. Segundo o relato, o chefe do governo não concorda que o peso do poder, isto é, o ônus de decidir, recaia nas costas de um único homem. A ser verdadeira essa versão o presidente da República deseja, de fato, dividir as responsabilidades que são suas, porque inerentes ao cargo, estigmatizado, nos sistemas presidencialistas, pela solidão e falta de popularidade nas horas de crise.

Talvez a passagem mais carregada de presságios da fala presidencial — na qual se faz carga contra os "ricos", mas não se menciona a sabotagem consciente da CUT aos esforços de entendimento feitos pelos ministros — seja aquela em que, segundo alguns dos governadores presentes, o presidente disse haver interesses poderosos, reunidos com o objetivo de conturbar a vida nacional. Conspira-se, pois. O governo e seus aliados, acrescentou o presidente, não podem deixar que "eles" — e não especificou quem — voltem a dominar a história, como fizeram no passado.

Incapaz de dirimir o desentendimento que lavra entre seus ministros e a crise que antevê perigosa no futuro, o presidente da República contenta-se em dar seu *placet* àqueles seus auxiliares que já haviam iniciado o processo de envenenar a opinião pública contra a imprensa livre, os "ricos" e, agora, contra "eles" — sujeito indeterminado —, que dominaram a história no passado. Em outras palavras, abre conscientemente as portas para um regime político que terá muito do fascismo de Vargas.